cena's

publicação cultural

"A arte ensina a pensar"
/ entrevista com João Mota / p.3

O teatro como um baile numa noite de verão
/ Steve Johnston / p.16

4 mostra de teatro de Santo André
/ p. centrais

01 Primavera / Verão 2003
Vila Nova de Santo André

eDITORIAL

Em Maio estamos na rua. O que trazemos é um projecto de publicação cultural. Datado e localizado. No ventre em que germinou – a AJAGATO – apoia-se e faz-se teatro. Cena's reflecte-o, mas não quer ser só uma publicação teatral, ainda que neste primeiro tiro o seja, porventura mais do que queríamos.
Por aqui, entre Teóricas & Práticas, o Steve do Teatro ao Largo e o Luís Cruz reflectem como entre entusiasmo e amargura insistem, determinados, em recriar a vida a pulso nos palcos da rua. O André e o Rogério trazem-nos fotografias suas, a Maria José conta-nos cenas lidas. São estes os nossos convidados nesta primeira viagem em que o barco está de partida. Outros regressam a casa, sem que daqui nunca tenham talvez verdadeiramente saído. Logo à boca de cena, a Rita foi à Comuna entrevistar o João Mota, como que medir-lhe a tensão de décadas com teatro e vida enleados. A Ana Lúcia voltou nas Descritas dos caminhos entre a imaginação, o traço e a palavra escrita. O Hugo tropeça de espanto e pede-nos silêncio. Como quem nos toca ao de leve no ombro, o Nuno fala-nos da Cidade de Deus, uma espécie de quadratura do círculo, pensámos !, antes de perceber que de um filme e de uma casa se tratava mesmo. A Liliana oferece-nos do registo da sua câmara, um olhar trazido de Avignon.
O resto fizemo-lo como pudemos. A agenda, o aqui há Gato, as fotohistórias. Pois, que nem somos o centro do mundo nem, muito menos, o mundo começou hoje.
Mas isto queremos ser! Mais ainda, talvez. Plataforma de encontro, arco-íris – espaço de criação, de reflexão sobre a criação, lugar de debate, de sonho, também de militâncias, de projectos de vida, de experiências. Por aqui já há searas maduras. Muitas mais. Estamos frente ao mar e contra o vento.
Porém, vivemos tempos de perplexidade, de indignação. A cultura, a função social da cultura, incontornavelmente pública, sofre apertos, cortes, arrogâncias sobranceiras de pequenos e grandes poderes, mutilações porventura irreparáveis. A ditadura do equilíbrio do défice e os interesses desvairados dos senhores do mundo, cá como lá, fazem de resistir o estar por aqui.

Ah! Quisemos estar na rua em Maio, quisemo-nos juntar à IV Mostra de Teatro de Santo André. Porque sim...

Propriedade
AJAGATO
Associação Juvenil dos Amigos do GATO

Conselho de Redacção
Ana Filipa Oliveira
Ana Sousa
João Madeira
Mário Primo

Colaboradores
Ana Lúcia Palminha
André Príncipe
Liliana Nascimento
Luís Cruz
Maria José Botelho
Nuno Silva Lopes
Rita Amado
Rogério Pinto
Steve Johnston

Concepção Gráfica
Paginação
Pedro Dias

Periodicidade
Semestral

Impressão
Tipografia Avenida

Tiragem
1000 exemplares

Custos
Cena e meia

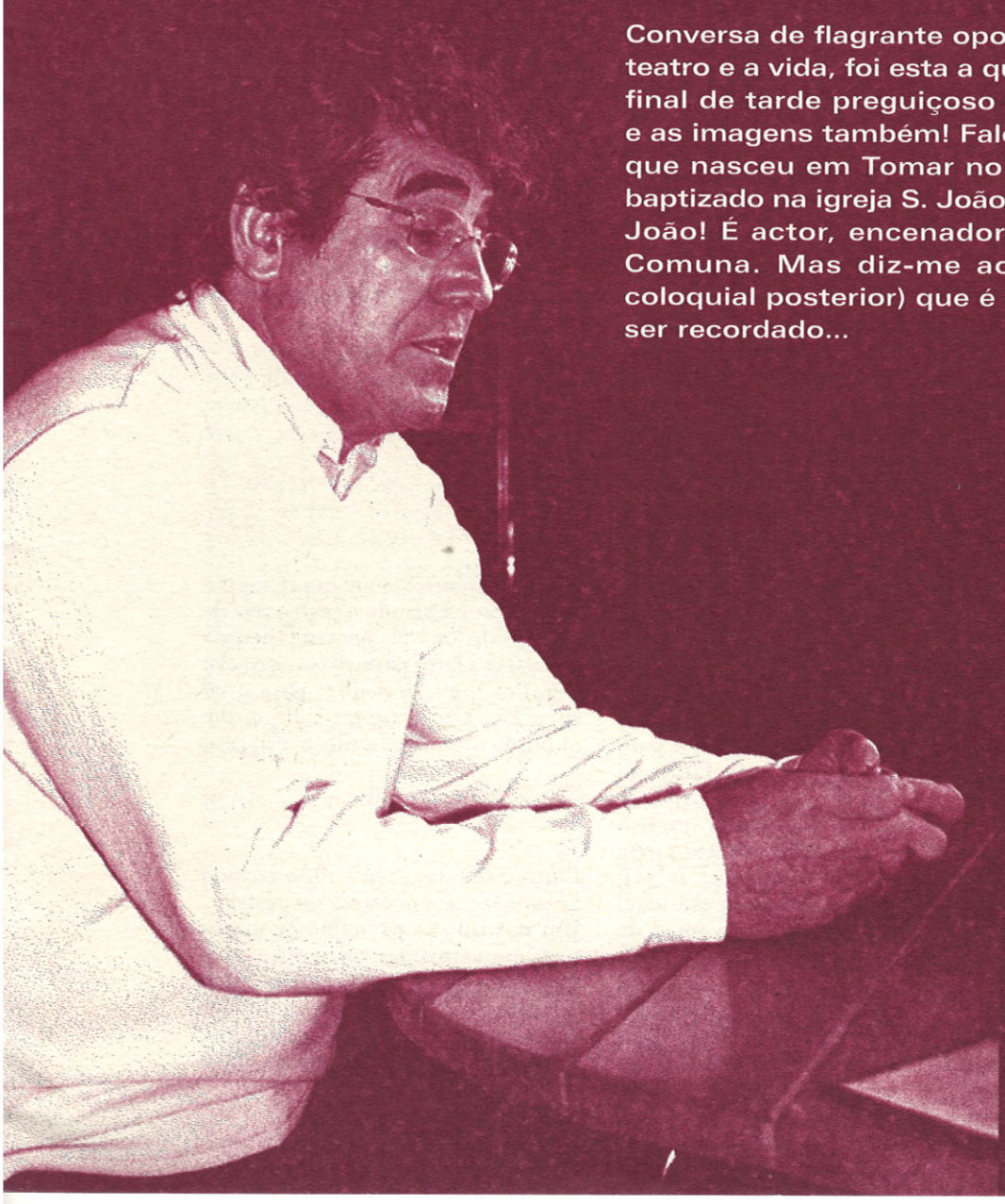
Contactos
AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167
e-mail: teotroteca@hotmail.com

sUMÁRIO

3,4,5,6 / **bocas de cena** / **"A arte ensina a pensar" entrevista com João Mota** / *Rita Amado* / 7 / **descritas** / **O Pedido de BabaYaga** / *Ana Lúcia Palminha* / 8 / **ouvimos** / *Hugo Lopes* / 8 / **lemos** / *Maria José Botelho* / 9 / **vemos** / *Nuno Silva* / 10,11 / **em cena** / 12,13 / **teóricas e práticas** / **Teatro ao Largo como um baile numa noite de Verão** / *Steve Johnson* / 14 / **a preto e branco** / *Liliana Nascimento* / 15 / **a preto e branco** / *André Príncipe* / 16,17 / **teóricas e práticas** / **Será que ainda vale a pena criar?** / *Luis Cruz* / 18,19 / **photohistórias** / **Filhos da Minerva Popular** / *João Madeira* / pag. cent. / **aqui há gato** /

Rita Amado

"a arte ensina a pensar"



Conversa de flagrante oportunidade sobre o homem, o teatro e a vida, foi esta a que travámos na Comuna num final de tarde preguiçoso onde as palavras apeteciam e as imagens também! Falei com o João. O João Mota, que nasceu em Tomar no dia de S. João Baptista; foi baptizado na igreja S. João Baptista e por isso se chama João! É actor, encenador e o fundador do Teatro da Comuna. Mas diz-me ao telefone (numa conversa coloquial posterior) que é apenas como João que quer ser recordado...

Quando olha para trás partilha da etérea sensação de que já viveu muitas vidas?
Não sei se são vidas, mas pelo menos bastantes momentos diferentes: a minha educação enquanto criança, passando pelo meu lado católico; a guerra em África; a minha partida para França onde fui estudar com Peter Brook; a Pérsia onde fui dar aulas e o meu regresso a Portugal para formar a Comuna. A rádio aos 8 anos; a televisão aos 13; o Teatro Nacional aos 14; a ida para África com a Laura Alves, o Ruy de Carvalho e o Canto e Castro em tournée; o trabalho com muitos encenadores portugueses e estrangeiros; novamente as aulas em França e em Itália... (respira fundo) E ainda outras vidas, (as que eu considero essenciais) aquelas que as peças de teatro me dão a viver! Tratam-se de várias incorporações, de personagens diferentes... Como diz o Eliade (um grande antropólogo), "o actor é o único que pode falar de reencarnação" e aí, sim, concordo... Vivi muitas vidas! E tenho evoluído bastante com as experiências. Isto tudo sem contar com os meus namoros, com as minhas paixões... (risos)

É um homem de paixões fortes?
O teatro!

É comum comparar-se a vida humana ao teatro. O Eduardo Lourenço tem uma abordagem peculiar desta comparação. Ele diz que, tal como no teatro, nós sabemos sempre o início e o fim empírico da acção, mas como se trata de uma representação, imaginamos também que há uma outra dimensão em que a representação acaba e se entra num plano distinto...
Eu penso que a vida não é igual ao teatro e o teatro não é igual à vida. A vida tem momentos de fragilidade... Ao teatro não lhe são permitidas fragilidades. O actor tem de condensar no palco uma vida de vinte anos, por exemplo. E tem de ter sempre essa energia sem fraquezas. O actor tem, constantemente, de recorrer à essência da personagem que interpreta, para não a deixar cair. Enquanto que na vida há muitos vazios e muitas quedas. Para além disso, eu penso que é na vida que nós nos servimos da máscara, ao contrário do que se pensa...No teatro nós desnudamo-nos, revelamo-nos e somos autênticos. Estou a falar desse lado obscuro e subterrâneo que habita o homem e que passa despercebido nesta vida que levamos a correr, enfim, nesta vida aparente. Tornar visível o essencial obriga a uma grande descida em nós. O teatro abre-nos essa porta.
Já a vida é um jogo de "finge - finge". Mas estou perfeitamente de acordo com o Eduardo Lourenço quando se refere ao outro lado, que é no fundo pensar que tudo vai ter um outro fim, que vai ser de uma outra maneira.

Parece-me, então, oportuno recuperar um pensamento seu transversal a quase todas as suas conversas com os media. Que tem que ver com esta época de disfarces, sem crescimento interior, onde parece ser mais fácil copiar do que ser...
Exactamente. Por isso é que fazer teatro é maravilhoso! Não é por acaso que existe o Psicodrama, em que se faz terapia através do teatro. No teatro há efectivamente uma representação. Mas importa saber até que ponto é que descemos dentro de nós aquando da mesma. Isto acontece de tal maneira, que às vezes estamos doentes e com febre, mas assim que começa o espectáculo, esquecemos de tudo.

E é esse também o caminho eleito para o actor começar a construir a personagem: essa senda interior?
Uma das coisas que eu peço aos actores com quem trabalho, é para nunca perderem esse lado de autenticidade. Claro que é imprescindível um estudo intenso através de uma análise de texto para perceber a personagem, o seu comportamento, não só a um nível físico, mas também a um nível de sentimentos e emoções. Mas o actor tem de aprofundar sempre mais, não se pode limitar àquilo que chamo de "emoções primárias". Tem de ir para além da superficialidade do "chora"/"ri"... Quando só faz isso, o actor é um mero debitador de texto e nunca um criador. Peter Brook costuma dizer que o "actor é o ser criador onde habita o texto".

E onde habita um leque vasto de outras ferramentas...
O actor tem de ser um militante do quotidiano. Mal do dia em que a pessoa que é criadora não esteja a par da sua base de criação: o Homem. No Maio de 68, aprendi uma coisa fundamental: Imaginação ao poder! Que é aquilo que os governos não têm. Por isso é que andamos sempre para trás, tornando-nos conservadores. Porque não caminhamos. E para caminhar é preciso saber errar e aceitar o medo. Só errando é que a gente aprende. Vivemos numa sociedade em que não é permitido errar: os pais não deixam errar a criança; os mais velhos não deixam errar o empregado... Só a partir do erro é que nos é dada a oportunidade de crescer!

E o teatro ajuda a abraçar essas dúvidas e esses erros?
Sim, claro.

Torna-se evidente esse cariz subversivo no trabalho que faz na Comuna, quer em termos de postura face ao poder quer em termos estéticos.
A arte é essencialmente um elemento transgressor. Quando o poder, seja de que Partido for, cria uma certa clientela e se passa a fazer parte dessa clientela, significa, pois, trabalhar para a tal clientela. Isso é contra tudo o que entendo por liberdade e criação!

"Não ter Partido em arte significa apenas pertencer ao Partido Dominante", dizia Brecht...
Certo. Eu às vezes fico aflito quando as pessoas se encostam ao poder... Um dos nossos princípios é nunca nos encostarmos ao poder! Os Governos passam, nós ficamos! Em 31 anos de Comuna, nem sabemos de cor quais foram os Ministros que no poder estiveram. É muito grave

para o artista quando se apega ao poder.

No meio artístico parece haver uma tendência para se viver em dois registos: um que se refere a uma certa pose e um outro mais autêntico...

Eu não sou contra nenhum, desde que nos deixem continuar o percurso, no qual assumimos que erramos, que temos dúvidas, mas que iremos sempre tentar passar testemunhos daquilo que consideramos essencial: o Homem e tudo o que está por descobrir e por fazer! Há pessoas a morrer de fome, há cada vez mais desemprego, mais guerras injustas e nós temos de ficar calados?! Há textos maravilhosos, mesmo da tragédia grega, que nos remetem para esse universo. Ainda agora houve um muito bem trabalhado pela Cornucópia intitulado "A vida é sonho"; assim como este que estamos a fazer chamado "Um bicho na lua".

Fale-me agora da dimensão educativa do teatro no seguimento dessa humanidade que apela.

Se recuarmos aos gregos da Antiguidade, vemos que o teatro aparecia enquanto educação cívica. Basta pensar nisso. Hoje não! É uma moda que deixa para trás aquilo que é essencial: a relação grupo actores - grupo público, assim como, essas grandes cumplicidades interiores. Garrett dizia uma frase muito importante que era "como é que a gente fala de teatro se não há o hábito?" O hábito é criar necessidades! Leonardo Coimbra dizia também, no tempo da primeira República, que "a primeira educação deve ser artística". Passado este tempo todo ainda não fizemos nada. As pessoas devem estar distraídas e nós consentimos.

Mas qual é que é o grande bloqueio que impede que se concretize de forma harmoniosa a simbiose entre o teatro e a educação?

É que a Educação tem de estar ligada à Cultura e a Cultura tem de estar ligada à Educação, mesmo a um nível Institucional, de Ministérios. Nós temos urgentemente de criar o ser sensível e toda a matéria do intuir; algo que desapareceu de todo o ensino. Não é para se fazer de todos os alunos, actores, pintores ou músicos. É sim, para que o sujeito desperte para esses valores da sensibilidade. Porque estamos cada vez mais a tornarmo-nos autómatos, a tornarmo-nos pedras. O que interessa a esta sociedade globalizada é ter cada vez mais escravos e não pessoas / seres pensantes.

A arte ensina a pensar porque habitua a algo muito importante: o silêncio.

A arte desperta para um manancial de emoções não dirigidas socialmente...

Desperta, acima de tudo, para uma coisa essencial que é conhecer-se a si próprio, gostar de estar consigo, de ter o prazer de si mesmo. Para atingir um colectivo e viver com os outros, é preciso gostar de si primeiro.

Citou Peter brook enquanto mestre, eu acrescento mais dois encenadores: Bob Wilson e Peter Stein. De que forma é que os vê em termos de rupturas?

O Peter Stein é um indivíduo que eu gosto muito pelo teatro que faz; pela forma como articula o actor com o texto e com o espaço. O Bob Wilson tem um outro estilo e por isso aprecio-o a um outro nível. Gosto da forma como se serve das luzes, da música e, como consequência, como joga com o espaço e também com o texto. Na diferença é que está precisamente o caminho!

Mas o que realmente me agrada é um teatro que não precise do artifício, em que o actor é efectivamente o criador onde habita o texto. Essa para mim é a verdadeira magia! Alguém dizia que o "actor em teatro é sujeito e em cinema é objecto". Ultimamente estou a ver muito teatro com objectos!

E o seu olho clínico enquanto homem do teatro, para que aspecto principal dirige a atenção quando estão actores em palco?

Eu gosto muito de me surpreender e de me deixar levar. Quando isso não acontece, alguma coisa não está bem. Porque, geralmente, eu sou muito bom público.

Mas quais é que são para si as principais características de um bom actor?

Eu gosto que os actores tenham uma grande disponibilidade. Porque para eu sacar coisas, a outra pessoa também tem de as deixar sacar! E utilizo o verbo "sacar" de propósito! Eu gosto muito de fazer exercícios de corpo, de voz, de interioridades e isso depende muito da disponibilidade do actor. E há actores, (não por culpa deles) que vão perdendo a disponibilidade e ainda outros que se vão viciando em maus textos.

Há muita gente que sonha em ser actor, fazer disso uma profissão. Como é que se chega lá? A Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) é que faz essa triagem?

Tem de haver o lado da disciplina interior. O rigor. A Maria João Pires trabalha horas por dia a exercitar os dedos, os bailarinos trabalham também horas a fio as suas articulações, os seus músculos... O actor trabalha o quê? Trabalha a sua voz, o seu corpo, a sua concentração, a sua memória, a sua maneira de ver? A maioria dos que querem ser actores estarão dispostos a isto? Eu não acredito. E aí há qualquer erro. Muitas vezes as pessoas que dizem querer ir para teatro querem ir é para a televisão. Metade dos que concorrem à ESTC é para esse fim. Aos 17 e 18 anos querem ser logo conhecidos.

Depois de tantos anos de trabalho e reflexão, o que é que continua a procurar no teatro?

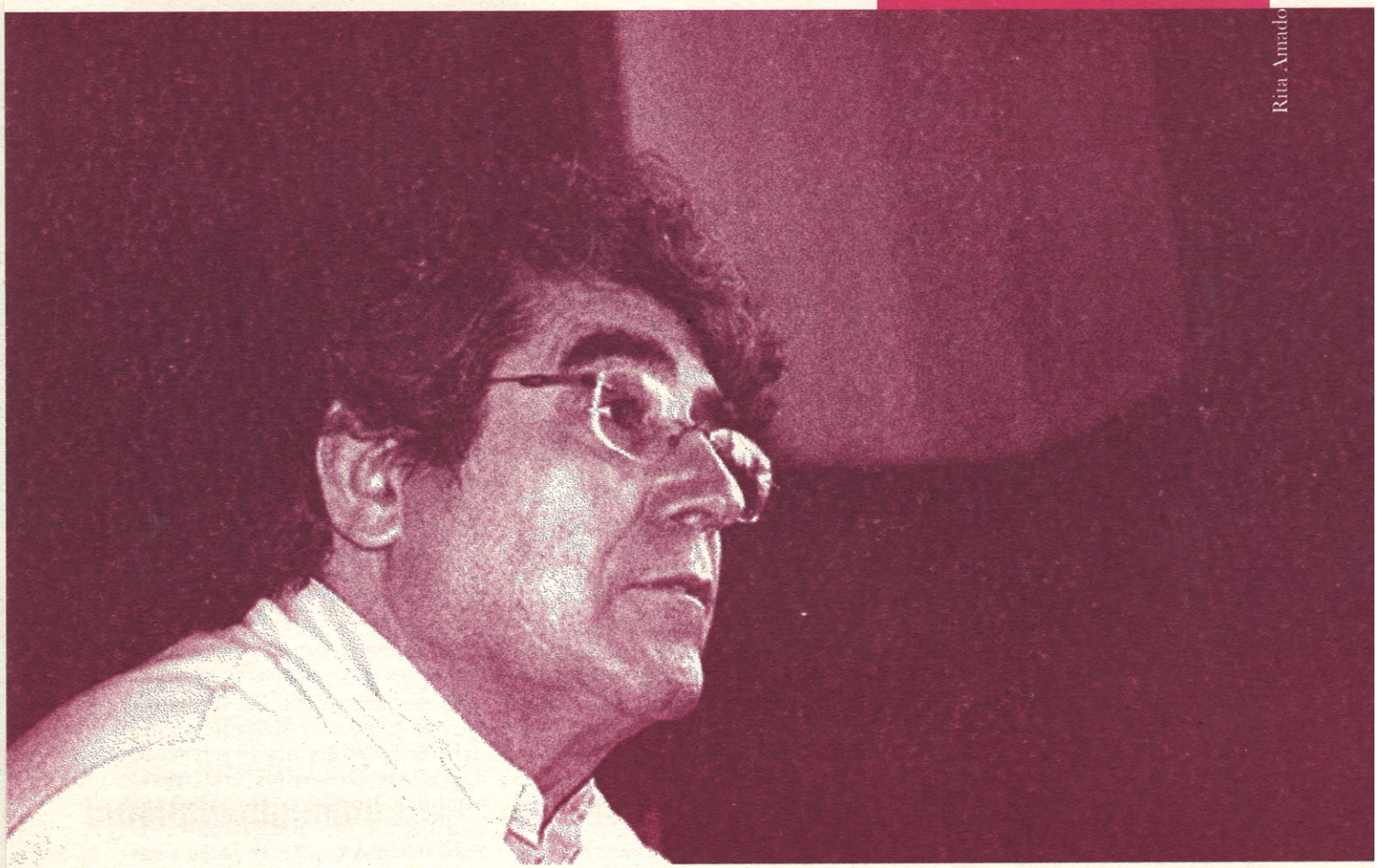
A minha interrogação é o que eu vou fazer amanhã. Como dizia Fernando Pessoa: "Saudades, só do futuro!" Eu sou muito assim. Em casa não tenho nenhuma fotografia do que fiz durante a minha vida, nem uma única crítica.

Porquê?

Porque estou sempre a pensar no que vou fazer a seguir. É perigosíssimo o narcisismo, quando começamos a enumerar coisas. Tenho isso tudo no curriculum, mas em minha casa, para quê?

Então o conceito de biografia não lhe diz muito.

Não me diz nada.



Rita Amado

cENAS d'OUTROS

Simão vieira, licenciado em Filosofia, (Leiria) /
"Até que ponto, o teatro poderá libertar a Escola do modelo programático com que ela cada vez mais se confunde?"
O teatro é a única solução para alterar a Instituição. O teatro tem a capacidade de devolver ao ser humano a matéria do intuir e a educação do ser sensível. Platão já dizia que "a criança antes de aprender a ler e a escrever tem de viajar". "Viajar" aqui tem dois sentidos: exterior e interiormente. A Escola tem de ser toda reinventada.

José Manuel Simões, jornalista (Porto) /
"Será possível estabelecer um paralelo entre a sua relação com o teatro, com Deus, com a sua mãe e com a pessoa da sua vida."
Unidade.

Duarte Barrilaro Ruas, actor (Lisboa) /
"Sendo a Comuna um teatro de pesquisa aberto às novas práticas e ideias, porquê sempre os mesmos actores?"
Não é verdade. Pegando nas peças que temos agora em cena, vemos que o Gonçalo tem 25 anos, o João tem 22, a Ana Lúcia Palminha também tem 22 anos, o Álvaro tem 30 e o Miguel tem 27. Os mais velhos são o Carlos Paulo, eu e a Manuela de Freitas. E depois também estamos abertos a outros grupo;, o Bando esteve cá durante 10 anos. Acontece que como vêm mais pessoas da ESTC são, efectivamente, esses os actores com quem nos habituamos a trabalhar e que desenvolvem uma gramática e uma respiração própria. Mas para não cairmos também na rotina há sempre uma pessoa que é convidada de fora. De propósito para desestabilizar, no bom sentido da palavra.

cENA iMEDIATA

Actor introspecção
Actriz o lado feminino
Encenador o que gere conflitos
Som silêncio
Livro aprendizagem
Virtude é bom
Defeito infelizmente existem
Medo aceito o medo
Psicose não me diz nada
Superstição por brincadeira às vezes é a sério
Cheiro amor
Personagem nós
Ética essencial para mim
Estética o sentido do belo é muito importante
Frase "Porque é que o tambor faz tanto barulho? Porque é oco."

Ana Lúcia Palminha

o pEDIDO DE bABAyAGA

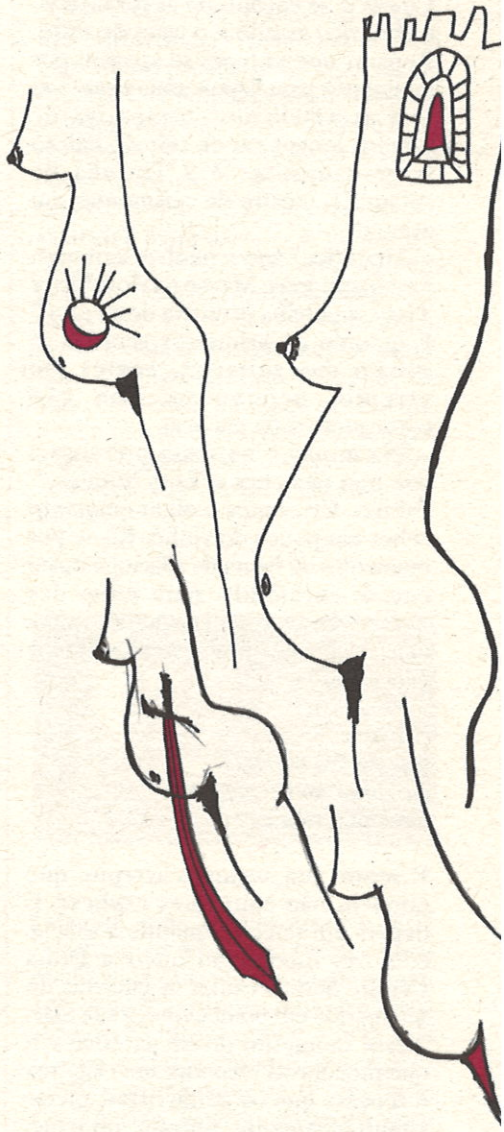
Da próxima vez, põe-te em atenção
Não em tensão e dá uma clara resposta
À pergunta naif que a ti se enconsta.
Concebe-a sendo tu e ao pedirem-te em casamento
Põe-te a nu e diz em doce, mas firme tom,
adornada com o mais sábio e gracioso alento,
Que essas perguntas só se fazem uma vez e a sério
E só assim se respondem. E deixa que a conversa assim se fique...
Semeia esse dom, a intuição é um tesouro da psique.

Toma a chegada da Primavera
Consagra-te brilhante, ouve como a verdade em ti soa
Acende uma vela negra e engendra a morte da mulher demasiado boa.
A Lua Cheia a meias contigo
Lembras-te se alguma vez foste guardiã de um fogo criativo?
E a tua mãe ensinou-te a Visão, a desencerrar as preces sagradas
Obrigações iluminadas da alma daquilo que és?
Não? Então não lhe beijes os pés, dá-lhe só um beijo quente
Ausenta-te em viagem, se é que nisso crês e procura outra diferente.
Procura uma Mãe que te ensine o Vento, a Coragem, o Amor e a Perícia
A Grande Essência e o Rompimento com a Mulher Fictícia
O Linguajar dos Ovários, a Arte de Amar, a Prática do Acerto no Alvo
No Alvo daquilo que és até que tu própria te tornes
Com Poderes e com Ternuras
Na Grande Mulher e Mãe, essa mesmo que procuras

Mãe
Se te achares prenha de uma vontade. Escuta-a bem
Não cesses, não dês lugar à fraqueza no decurso da viagem
Agarra-te à Vida e ao Sol, sente-te uma Fortaleza,
Ou uma Torre de Menagem onde as pedras têm água
Onde a escada em caracol te ligue o génio ao Céu, ouviste?
E é a espiral da vida que não foi Deus que te deu
Foste tu que conseguiste.

Escolhe um amante de carnes macias
De alma justa e navegável
De ser fértil, terra de fogo e cascatas frias
Paisagem que te dê razão para catanar a verdura
Espírito que respeite e saiba poetisar-te a loucura.

E nunca te deslembres a ti e à tua liberdade
De que vens de uma terra húmida temperada a uma lua esquecida
Que são os princípios da vida
Concede pagã e total
O teu sorriso ao mal
E em jeito de parir um fado, manifesto de força e verdade
Como a corrente de um leito
Abraça a Humanidade
E esmaga-a contra o teu peito.



nOTA:

BabaYaga é uma bruxa, personagem de um antigo conto russo, no qual Vassalisa, uma menina orfã, vai a mandado da madrasta má, buscar fogo aos aposentos da bruxa. A bruxa exige a Vassalisa que passe por uma série de provas difíceis e só assim lhe dará o fogo. Interpretada sob uma visão psíquica do conto, BabaYaga representa a mulher selvagem que existe dentro de todas as mulheres, a sua essência, a sua intuição, que quando não é escutada, riposta como um furacão preso num invólucro, aparecendo em sonhos ou dando às mulheres a sensação que não agiram segundo a sua vontade interior. Cabe a elas optar pela coragem, escutar a voz de BabaYaga e conseguir o seu fogo ou ignorá-la e levar uma vida não florescida.

ouvimos

Hugo Lopes

"sILÊNCIO..."

Ao desceres a rua da Sra. da Glória, à Graça, podes virar na primeira à esquerda, novamente à esquerda e vir tomar um copo cá a casa. Eu e a Célia prometemos fazer o papel de bons anfitriões.
Se por acaso for Domingo, e se for Domingo de tarde, então poupamos-te a curta caminhada do parágrafo anterior: não estaremos em casa. Mas não desanimes. Faz o percurso inverso, e ao voltar à Rua da Sra. da Glória entra no restaurante "Cova Funda".
Percorre primeiro o extenso corredor e, ao abrires as cortinas do fundo que revelam o salão, deixa que os teus olhos se acomodem por momentos. Estamos lá ao fundo a sorrir-te. Quando te sentas ao nosso lado confirmas que foste o último a chegar: à mesa já se encontram as pataniscas, o chouriço assado e o jarro de tinto. Reparas que as luzes se apagam por momentos para depois assumirem um tom avermelhado. A rapariga de cabelos longos sai de trás do balcão (segredamos-te "é a Tininha de Alfama"), mestre de cerimónias em avental:
- "Meus Senhores e minhas senhoras, na guitarra Jorge Mata e na viola Victor Tiago, a parelha privativa desta casa."
E quando os primeiros acordes se soltam das guitarras, sentes um arrepio, pequenino, que não consegues ainda explicar.
- "Na minha e na vossa presença a voz que pertence a Luís Simões.".
Palmas. Cruzamos o olhar enquanto bebes um pouco do vinho. Ris-te por momentos da figura de alfacinha típico que se encaminha para junto das violas. Ris-te imediatamente antes dele fechar os olhos e se transfigurar para cantar:

"Silêncio,
hoje morreu um poeta
e a carne morreu esquecida
como esquecida viveu"

E sentes um segundo arrepio, que também não consegues explicar. E depois um terceiro quando a sala se comove, inteira, ao ouvir a Dona Celeste Santos cantar as palavras do seu marido em homenagem à sua mãe. Nesse momento quase patético em que procuravas esconder uma lágrima e reparas que os guitarristas, quase simultaneamente, tiraram um lenço dos bolso para limpar as suas.

E é então que percebes que há nesta música qualquer coisa de teu. De Nosso.
Qualquer coisa que já cá estava antes de desceres a rua, muito antes desta tarde, antes mesmo de chegares a esta Cidade. Qualquer coisa que existe nas ruas estreitas, no interior dos eléctricos, perto das docas. Que se revela nas despedidas, nos abraços fortes, na calçada molhada.
E deixas-te ficar pela tarde fora, embalado pelas guitarras, até ao último Fado.

Restaurante "Cova Funda"
Rua da Sra. da Glória, Lisboa
Fados aos Domingos, a partir das 16h

lemos

Maria José botelho

eXISTEM lIVROS - lEQUES

Confesso que tenho em casa muitos livros que ainda não li, esperam que chegue o seu momento. Acredito que entre o livro e o leitor se estabelece um encontro. Cada um procura o outro e isso deve acontecer no momento próprio, para que o enlace seja proveitoso para ambos. Sim, para ambos, porque um livro vai crescendo, vai-se desdobrando, em cada leitura, infinitamente.
Quando nos oferecem um livro, passa-se a mesma coisa, só que o encontro é marcado sem sabermos. E há uma diferença, esse livro já não vai para a prateleira aguardar a sua vez. Por interesse ou cortesia, lemo-lo logo. Quero-vos falar de um livro que me ofereceram há uns meses atrás. É claro que o li assim que pude. E ainda bem. 4 contos de Puchkine foi um dos melhores presentes que já recebi e mais uma prova de que existem livros–leques, que se desdobram através dos séculos.
Estes quatro contos, escritos entre 1830 e 1836, apesar de profundamente marcados pela época e de trazerem do passado as paisagens e o olhar dos homens, são capazes de estabelecer laços imediatos com os leitores de todos os tempos. Existem muitas coisas na vida dos homens que não mudam.
Puchkine, nasce em Moscovo em 1799 e morre trinta e oito anos depois, num duelo, onde defende a honra da mulher e a sua dignidade de poeta. É a personificação do espírito da sua pátria (no tempo em que esta palavra tem um verdadeiro sentido), é o fundador da literatura moderna russa, o inspirador poético que luta pela abolição da autocracia. "Espalhava versos subversivos, toda a juventude os sabia de cor". Puchkine é "talvez a antecipação do que o homem russo virá a ser daqui a duzentos anos"(1).
É tão livre e forte o seu espírito, que o posso imaginar entre nós, a lutar pelas suas convicções, com a mesma esperança que transmite em cada conto. A sua obra é constituída essencialmente por poesia, mas também pela prosa e teatro. Neste livro, denota-se uma escrita límpida e precisa. Quando menos se espera, a história surpreende, abre possibilidades brilhantes. Em todos os contos prevalecem os mais dignos valores da alma humana, a crença nos sonhos inabaláveis, a vida da acção rumo ao objectivo, a vontade real de ser melhor.
Se puderem, não deixem pois de ler estes 4 contos, editado pela Campo de Letras em Fevereiro do ano passado. O livro tem uma interessante capa de Elsa Navarro e José Saraiva, à primeira impressão um pouco sombria, mas garanto-vos que vem muita luz do seu interior, especialmente a luz reflectida na neve.

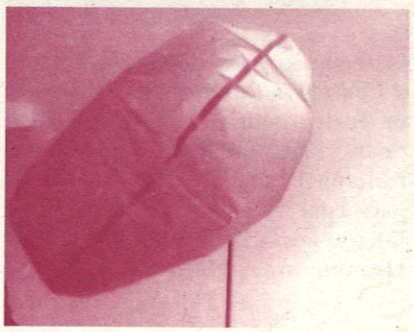
(1) citação do escritor Nicolai Gogol.

fotografadas com telemóvel

Nuno Silva

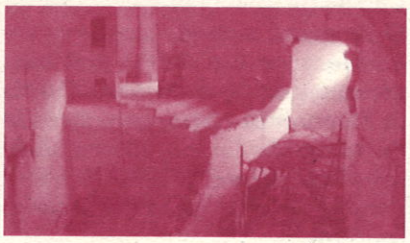
fILME.

Cidade de Deus de Fernando Meirelles baseado no livro do mesmo nome de Paulo Lins, estreou no Cine 222 por apenas 2 dias. O maior fenómeno de sempre do cinema brasileiro. Fernando Meirelles é dono da maior produtora de publicidade do Brasil e recentemente converteu-se à sétima arte. O livro de Paulo Lins inspirado em histórias reais sobre o tráfico nas favelas e a sua organização social serve de argumento para um filme impressionante. Na Vemos ceNAS não fazemos críticas. A crítica já a podem ver no Expresso de 22 de Fevereiro 2003. Mas falamos do que vimos na realização. Um exclusivo da Vemos ceNAS que conseguiu sacar uns bilhetes para a sessão das 24:30 de Sexta. Curiosamente também encontramos por lá o nosso repórter da Ouvimos Cenas - o Hugo Lopes – a fumar uma chicha (acho que se escreve assim, é um daqueles cachimbos árabes). Não tinha bilhetes. 15 minutos de conversa e lá fomos cada um para seu lado. Após alguns segundos de habituação às cadeiras surradas do Cine 222, Fernando Meirelles põe-nos no meio da favela. Sob o risco de apanharmos com a crueza de um tiro. Não existem mulheres no filme porque o estado é de sítio. As imagens movem-se como olhamos de facto. Sabem aquela sensação de que os olhos não olham calmamente para as coisas, mas apenas saltam bruscamente de pormenor em pormenor? A câmara faz o mesmo. Corre à procura de pormenores e só pára quando descobre um ponto de interesse no canto da imagem. Um rosto meio desfocado ou um assunto de curiosidade. Rapidamente agarra-se a este pormenor. Concentra-se. E põe-no no centro da imagem, nítido e focado. E isto faz-nos sentir que estamos lá. No meio daquela favela de balas perdidas. E por isso, mais nos enterramos no assento do cinema tal é o contacto com a realidade. O realização flui como quem realmente conta uma história. Não é contínua. Tem soluços e lapsos de memória. Avança com uns pormenores que ainda não estão bem claros. E por isso lá recua umas décadas para os clarificar. O que achei mais surpreendente foi como Fernando Meirelles usa os planos acelerados. Ver é tão mais rápido do que perceber. E ele satura-nos de imagens ao ponto de já termos visto uma personagem numa situação importante para a história mas não termos tido tempo para a reconhecer. Talvez seja uma herança dos filmes publicitários. Daqueles planos rápidos em que mostram uma mulher boazona por um milésimo de segundo num anúncio de Sopas e só retemos o fascínio por mergulhar naquela Sopa. No filme sentimos um desconforto com uma personagem chamada Otor (acho, o sotaque confunde um pouco) que quer fazer parte do gang do Cenoura e do Zé Galinha para vingar a morte do pai. Mas não ligamos. Apenas sentimos um desconforto. No fim, fica claro que Otor infiltrou-se para matar Zé Galinha. Mas o desconforto não resultava de um argumento previsível do tipo agente infiltrado. O personagem Otor já tinha sido apresentado muito antes e num contexto bem mais revelador das suas intenções de vingança. Antes, tinhamos visto vários minutos de Zé Galinha num assalto a matar um homem que é socorrido num segundo por uma rapaz fugaz. Agora, após Otor assassinar Zé Galinha, revemos a mesma cena acelerada num segundo mas a congelar, num suspense de vários minutos, no momento em que o tal rapaz socorre o homem, seu pai, e que se revela ser o Otor. O filme volta em Abril. Acho que vão gostar muito.



oBJECTO.

Nos armazéns virados para o rio e ao lado do Lux. Um candeeiro insuflável que se enche com o ar quente aquecido pela pória lâmpada.



aRQUITECTURA.

Ao vaguear pelo Alto de Santa Catarina. Entrei dentro de um edifíco amarelo em recuperação. O hall de entrada tinha arcadas em pedra e fiquei curioso. Continuei a explorar o edifício. Ouvia ao longe o barulho de uma serra de merceneiro e confiei que ninguém estava por perto. Entrei dentro de um dos apartamentos e o resultado é o que se vê. Um mega loft com uma mezanine

circular, uma arcada gigante de 7 metros de pé direito em pedra e umas escadas de entrada em zigue-zague. Um pedreiro encontrou-me em plena invasão de propriedade alheia e lá tentei aliviar a tensão com alguns elogios ao trabalho de recuperação em alvenaria. O pedreiro deixou claro que o loft não era para as minha unhas. Custou 550.000 euros!!! Cenas.

eXPOSIÇÕES

Museu Municipal de Santiago do Cacém

"Mostrar a todos as portas que Abril abriu"! Formas de liberdade de expressão... cor, emoção..., José de Guimarães expõe "Objectos e Obra Gráfica de José de Guimarães", até 13 de Julho de 2003.

Simultaneamente, as Réplicas do Mosaico Romano "O chão das musas". O conjunto é a obra do "Curso de Restauro e Valorização do Património Arqueológico – Museu São Miguel de Odrinhas - Sintra"

Artista, escultor, alguns dos seus temas são o amor, o desejo e a plenitude do ser, ao João Cutileiro, corre-lhe sangue alentejano nas veias, vive no alentejo "Exposição de Desenhos de João Cutileiro" , de 26 de Julho a 31 de Agosto de 2003.

Ainda no Museu de 20 de Maio a 30 de Setembro "A Evolução do Traje séc. XVIII – XX".

Centro Cultural Emmérico Nunes

O CCEN – Sines que já nos habitou a exposições de qualidade, acolhe neste momento a exposição "Movimento Operário – Década de 70" com a colaboração do Museu Republica e Resistência, uma interessante mostra documental sobre o que foi e como contribui o movimento operário para a desagregação do Estado Novo, o movimento operário. CCEN - até 1 de Junho de 2003.

No âmbito da Arte Contemporânea O CCEN ainda tem para nos oferecer este ano, a exposição de Premiados – Colecção EDP de 7 de Junho a 27 de Julho, uma exposição de Ilda David, de 2 de Agosto de 21 de Setembro e Alberto Plácido de 27 de Setembro e 19 de Outubro.
Dentro do Projecto de Exposições Juvenis temos o Filipe Jesus – Fotografia Abril/Maio, Eunice Pita – Pintura /Fotografia – Maio/Junho, Ricardo Búzio Banda Desenhada – Junho/Julho , Danilo Abdula e Rodrigo Costa – Fotografia/Pintura) Julho/Agosto, Nuno Costa – T´shirts pintadas – Setembro/Outubro.

Capela da Misericórdia

O Programa mensal "Ao Encontro da Música e das Artes" tem para inaugurar dia 10 de Maio na Capela da Misericórdia – Sines uma exposição do fotógrafo José de Melo, onde simultaneamente, Cristina Branco e Custódio Castelo darão um pequeno concerto.

tEATRO

O grande destaque vai para a IV Mostra de Teatro , que tem um espaço nesta revista com toda a programação. Vila Nova de Santo André de 10 a 17 de Maio.

O Teatro do Mar terá em cena durante a segunda quinzena de Junho o "Príncipe com Orelhas de Burro" para as escolas do concelho de Sines. "O Carnaval dos Guerreiros" será a próxima peça a estrear no dia 6 de Junho e será o espectáculo que percorrerá o país este verão.

O Teatro ao Largo depois da actuação a 15 de Maio, inserida na IV Mostra de Teatro, com a "A Fortuna" , além deste espectáculo, andará em itinerância por diversos pontos do país, com "A Fortuna" a peça "Aqui Jaz um Poeta Dum Cabrão", e o "O Homem que Plantava Árvores"

aquihágato

Teatroteca GATO SA

Boletim informativo Nº8

Maio 2003

O "aqui há gato!", boletim informativo da AJAGATO, constitui, a par da página web, o elo de ligação com os associados e colaboradores. A sua inclusão nesta revista de periodicidade semestral, não invalida que possa continuar a ser publicado autonomamente noutros momentos.

ANIMAÇÃO TEATRAL DO CONCELHO

Está a chegar ao fim esta iniciativa arrojada de levar a prática da Expressão Dramática a todas as crianças dos anos terminais do 1º ciclo do Ensino Básico do concelho de Santiago do Cacém. Integrámos neste projecto a vinda a Santo André de 3 espectáculos de Teatro apresentados a mais de um milhar de espectadores. Decorre ainda uma Oficina semanal dirigida a professores, educadores e outros agentes culturais.

O projecto teve a chancela da AJAGATO, mas foi concretizado com a colaboração fundamental da Adelina Oliveira tendo a organização e o acompanhamento contado com o entusiasmo e a militância do Fonseca Santos.

O financiamento veio da ADL através de uma candidatura apresentada no âmbito do programa LEADER +. Um processo conturbado que nos obrigou a reestruturar as frágeis estruturas administrativas e nos obrigou a um investimento exagerado com o qual não contávamos e nos abriu mais os olhos para ocasiões futuras ...

ESPECTÁCULOS DO GATO SA

A actividade do grupo continua a incidir sobretudo na formação, privilegiando o processo sobre o produto final. Cada projecto tem permitido pesquisar em novas direcções mantendo viva esta escola de Teatro e de vida.

No entanto, o número elevado de jovens e a variedade de interesses e disponibilidades, levam-nos a organizar subgrupos e a multiplicar as propostas para envolver toda a gente...

Este ano, o GATO SA tem quatro "tachinhos" ao lume, nuns casos em lume brando e noutros em lume vivo, conforme o gás...

"Sopinhas de mel"

Seis anos depois da primeira montagem deste texto voltámos a pegar-lhe por sugestão dos actores que então o protagonizaram, agora mais velhos e saudosos destas lides. Trata-se apenas de uma revisitação, um reavivar na memória do trabalho feito, aproveitando o distanciamento temporal e o natural amadurecimento dos seus intervenientes. Houve porém que refazer toda a produção, reconstruir os cenários, rever o guarda-roupa e os materiais de divulgação, tudo como se de um novo espectáculo se tratasse.

Começámos por ganhar balanço em Castro Verde, Samouco e Alcochete, até à "estreia" em Santo André, inaugurando o novo palco do auditório da ESPAM. Depois da Mostra de Teatro e de um salto a V. Real de Stº António, estaremos nas instalações da Comuna para uma curta série de espectáculos e para o que depois se verá.

"A Cigarra e a Formiga"

Inicialmente previsto para estrear no Natal, este trabalho só ficou concluído em Abril... O atraso deveu-se principalmente à criação dos adereços. Aprendemos no entanto a trabalhar outros materiais, juntámos mais gente ao processo criativo, envolvemos os alunos de OED. Experimentámos técnicas, reciclámos materiais, espevitámos a imaginação com muita gente "ao barulho". No final a Margarete deu uns toques para uniformizar as várias intervenções e tudo ficou pronto...

A relação com as crianças desperta nos actores uma ternura, um sentido de responsabilidade e um entusiasmo muito salutares e por isso de vez em quando o GATO reincide com mais um trabalhinho desta natureza.

"Casting"

Este é o trabalho em preparação com o novo elenco resultante da formação realizada no Verão passado e continuada neste ano lectivo. A pesquisa já vai longa, mas começam a consolidar-se as ideias e os personagens emergem dos jogos de palco que temos vindo a experimentar desde Outubro. A tarefa tem sido dificultada pelos trabalhos simultâneos, mas em breve estaremos aí a surpreender e a provocar a imaginação do público com as situações insólitas que temos vindo a construir.

O fio condutor liga-se um pouco ao Trabalho de há dois anos as "3 vertigens ao espelho". Voltámos a mexer com os comportamentos humanos e com os diferentes níveis de comunicação, com a dimensão da verdade e da hipocrisia, com a competição e outras fraquezas humanas...

E mais não digo por agora...

"A Vidraça"

Digamos simplesmente que este espectáculo está em Banho-Maria, para utilizar a imagem dos tachinhos ao lume...

Vicissitudes várias têm impedido a sua conclusão, apesar do projecto ser estimulante e de já nos ter ocupado longas horas de ensaios e sugerido muitas e interessantes ideias. No Dia Mundial do Teatro, apresentámos mesmo um extracto deste trabalho no Museu do Teatro e enfim... Em Julho, com o calor, veremos se o fogo aviva e a Vidraça entra finalmente em ebulição.

BENEFICIAÇÃO DO AUDITÓRIO DA ESPAM

A AJAGATO veio permitir a concretização de um conjunto de iniciativas que vínhamos a propor há longos anos, nomeadamente a recente beneficiação do auditório da ESPAM, dotando-o de condições físicas e técnicas para receber as actividades culturais que ali são realizadas com um mínimo de dignidade e com o respeito que estas práticas nos devem merecer a todos. Este é, de resto, um projecto e um processo demasiado antigo e penoso, para falar dele em pormenor sem toldar de tristeza este momento de festa...

Em termos gerais esta intervenção foi possível graças à conjugação de esforços entre a direcção da ESPAM, a Câmara Municipal e a AJAGATO, a que se associaram ainda os apoios da Quadricultura e da empresa Deltabox.

Tratou-se tão somente de uma primeira fase das obras identificadas há muito e que consistiram: na Construção de um palco elevado e alargado; na Renovação total da instalação eléctrica de palco; no Reequipamento técnico do auditório; e na Substituição integral da vestimenta de palco.

mostra d teatro Santo André

ESPECTÁCULOS

Sábado, dia 10 - 22 h CAPAG

COMUNA Teatro de Pesquisa
Um Bicho Na Lua
De *Richard Kalinowsky*
Versão Cénica e Encenação - *João Mota*

Aram Tomasian é um arménio a viver na América. É o único sobrevivente do massacre levado a cabo na sua aldeia pelos soldados turcos. Empenha todos os seus bens para conseguir casar com uma mulher do seu povo numa tentativa desesperada de não perder as suas raízes. Vítimas de dois massacres diferentes, ambos sobreviveram ao genocídio turco, tendo tirado conclusões diferentes da mesma barbárie... .

Domingo, dia 11 - 22 h ESPAM

GATO SA
Sopinhas de Mel
De *Teresa Rita Lopes*
Encenação - *Mário Primo*

Sopinhas de mel não é um diálogo com estória, não é uma intriga para se entender, não é uma peça para se contar. Entra-se em Sopinhas de mel, mas dali não se consegue sair. Nada é explícito. Não há sítio. Não há realidade. A realidade é uma mala cheia de coisa nenhuma a partir da qual se constroem mitos, se levantam projectos, se percebe o "cheiro a Terra, a musgo e a urina".

Segunda, dia 12 - 11h ESPAM

3 EM PIPA
Um Coração Perfeito espectáculo para a infância
De *Sara Monteiro*
Encenação - *Bibi Perestrelo*

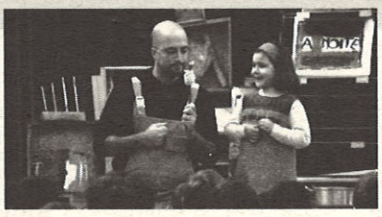
Deus, na ânsia de encontrar um Coração Perfeito entre os homens, que pudesse conduzir um barco com todas as espécies animais durante o dilúvio, envia um Anjo à terra. Este Anjo substitui o coração original de três príncipes recém- nascidos, herdeiros de três reinos, por um coração de pedra, um coração de vidro e um coração de ouro. Quarenta anos depois, o Anjo regressa à terra para escolher, de entre estes três humanos, o que conduzirá a arca...

Segunda, dia 12 - 22h ESPAM

FONTE NOVA
O Pelicano
De *August Strindberg*
Encenação - *José M. Dias*

"Estou a despertar do meu sonho", grita o Filho, após a leitura da carta-testamento que o Pai lhe deixou. Porém, este despertar para a verdade irá conduzi-lo ao incêndio purificador com que destruirá o velho mundo familiar. A alegoria do pelicano, através da qual a Mãe é descrita no poema que o Genro lhe dedica ("tal como o pelicano que, com o próprio sangue, alimenta os seus filhos..."), resume todo o profundo negativismo do autor.

Terça, dia 13 - 10h e 11h CAPAG



TRUTA - Associação Cultural
Biblioteca Sensível animação para a infância em idade pré-escolar

Este projecto nasceu da colaboração de alguns membros da Associação na instalação espectáculo Universos Sensíveis concebida por António Catalano (Casa degli Alfieri / Itália), promovido pelo Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural Belém, entre Janeiro e Março de 2002.
Com o objectivo de promover o livro e a leitura junto das crianças, proporcionamos, não um espectáculo de teatro, mas um encontro entre contadores e crianças, no qual se vivem experiências imprevisíveis, resultantes da troca incessante de imaginários.

Terça, dia 13 - 22h ESPAM

MARIONETAS DE LISBOA
O Patafísico
De *Alfred Jarry*
Encenação - *José Ramalho*

Com base no texto Ubu Roi de Alfred Jarry, texto maior da nova dramaturgia que viria a constituir o corpo do Teatro Moderno, iniciado no final do séc. XIX, revisita-se a figura do Ubu, na sua representação em teatro de marionetas, como Jarry fez em 1890 na apresentação da 1ª versão do seu texto, pelas marionetas do Théâtre des Phynances. Ubu, figura alegórica da hipocrisia do poder, é uma imagem pura do exercício abusivo do acto de governar: trucidando e sarrafaçalando tudo e todos, usurpando e glorificando como seus os feitos e méritos alheios.

Quarta, dia 14 - 11h ESPAM

TEATRO DO MAR
O Príncipe com Orelhas de Burro espectáculo para a infância
De *António Manuel Couto Viana*
Encenação - *Julieta Santos*

Na escuridão da noite, três misteriosas fadas, penetram no castelo do Rei. Uma delas, sentindo-se rejeitada por não ter sido convidada para a festa de baptizado do recém-nascido príncipe, sob pretexto de vingança, inflige uma maldição ao descendente real, fazendo-lhe crescer de imediato duas orelhas de burro. A família real, ao deparar-se com esta situação e na incapacidade de assumir perante os súbditos a diferença daquela criança, inventa um turbante gigante que lhe cobrirá a vergonha aos olhos dos outros...

Quarta, dia 14 - 22h ESPAM

G. TEATRO Inst..Sup.Técnico
A Velocidade de Um Sussurro
Encenação - *Susana Vidal*

"Anda!, vai, grita, porque eu não te estou a ouvir.
Anda! vem rápido, porque eu não vou a estar.
Anda! vem ama-me, porque eu não te estou a amar.
Anda!, vai, grita, porque eu estou a sussurrar."

Quinta, dia 15 - 22h ESPAM

TEATRO AO LARGO
A Fortuna
De *Aristófanes*
Encenação - *Steve Johnston*

A Fortuna, escrita no séc.V ac), é a última das comédias áticas do mestre grego Aristófanes. É uma peça leve e de rápida acção, povoada por deuses, camponeses rudes, informadores do governo e pedintes, os quais não estariam deslocados numa peça de Gil Vicente. Mantendo-se fiel ao texto original, esta versão foi transportada da Grécia Antiga para o Cercal do Alentejo nos anos sessenta, onde os temas centrais da influência corrupta do dinheiro, a desigualdade da distribuição de riquezas, e o efeito dormente da pobreza constante, têm especial relevância.

Sexta, dia 16 - 11h ESPAM

GATO SA
A Cigarra e a Formiga espectáculo para a infância
De *Fernando de Paços*
Encenação - *Mário Primo*

Nesta versão da história o poeta cigarra sofre por um amor mal correspondido. A formiga, que mantém as capacidades de trabalho e a prudência que a tradição lhe atribui, balança agora entre a razão, que a aconselha a repudiar quem é tão inútil e o coração que bate forte quando vê o artista... No final acabam por se entender, graças à sábia intervenção de um aranhiço conhecedor do poder dos elixires e da psicologia destes humanos/bichos...

Sexta, dia 16 - 22h ESPAM

TEATRO DO RIO
O Julgamento de Lúculo
De *Berlot Brecht*
Encenação - *Adelino Lopes*

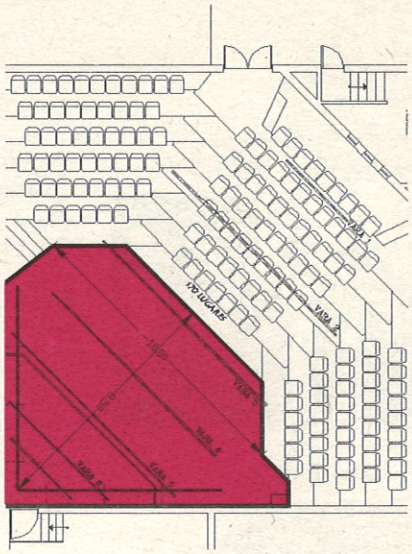
Lúculo, general romano, "terror das duas Ásias", o "invencível e eleito pelos deuses", morreu e comparece no tribunal dos mortos, vê, espantado, a sua glória e as suas virtudes virarem-se contra si. Verifica, indignado, que é completamente desconhecido no mundo dos mortos, e tratado por igual. Os seus grandes feitos revelam-se como outros tantos crimes.
A história e a memória dos milhões de vítimas de outros Lúculos que por aí têm pululado ("globalizando" e policiando as "Ásias"de hoje) encarregar-se-ão de futuros veredictos.

Sábado, dia 17 - 22h ESPAM

TEATRO MERIDIONAL
O Relato de Alabad
De *Nuno Pino Custódio*
Encenação - *Miguel Seabra*

Fugido de Santarém (tomada de assalto pelos portugueses meses antes), Alabad e o seu irmão Youssef são acolhidos por um tio lisbonense, procurando aí recomeçar as suas vidas. Mas a esperança de uma vida feliz, numa cidade florescente e muito populosa, em breve se transformará numa tormenta, quando os cristãos chegam às portas da cidade para conquistá-la. O cerco, que durará quatro longos meses, vai obrigar os habitantes de Lisboa a viverem entre o limite das suas forças, tendo a fome e a peste como pano de fundo, e a necessitarem de continuar a envidar esforços para repelir o invasor.

De realçar que não se tratou apenas de canalizar apoios para as obras e encontrar as empresas certas para as concretizarem, houve que reflectir muito e identificar os problemas, estudar as soluções mais viáveis e eficazes, meter literalmente as mãos à obra deixando a marca do suor por todo o lado. É que as coisas não se fazem sozinhas... Muitas das tarefas foram mesmo assumidas em termos práticos pelos elementos do grupo, os seniores como o Luís Patrício e os mais jovens, que assim deixam um exemplo vivo de "voluntariado" e dão verdadeiro sentido à tão apregoada consciência cívica e ao espírito de cidadania com que se enriquecem os objectivos programáticos das escolas, mas na prática... Um particular destaque para o Rui Senos e para o Francisco, actuais técnicos do grupo, dois jovens com que qualquer companhia de Teatro se orgulharia de poder contar nos seus quadros! Agora há que preservar o auditório e dinamizá-lo com iniciativas que justifiquem todo este esforço, mas a este nível, nós cá estaremos já em Maio com a "4ª MOSTRA DE TEATRO.
E contem connosco para muito mais.



mostra de teatro Santo André

4ª MOSTRA DE TEATRO aí está, apesar da crise, das dificuldades orçamentais e das óbvias limitações de uma estrutura juvenil como a nossa.
Aos poucos o projecto vai-se consolidando graças por um lado, à rede de contactos e de solidariedade entre os grupos de Teatro que nos visitam e por outro, graças ao prestígio granjeado pela AJAGATO junto das estruturas locais que nos apoiam.
Este ano temos 12 espectáculos apresentados por 11 Companhias diferentes, 2 Workshops, animações variadas, Exposições de fotografia e Artes Plásticas, colóquios, etc..
Tudo em 8 dias intensos de trabalho e de festa do Teatro!

SESSÃO DE ABERTURA

Sábado, dia 10
16,30 h CAPAG
Conferência com Encenador *João Mota*
Inauguração da Exposição
Lançamento da Revista

EXPOSIÇÕES

FOTOGRAFIA
"Túneis" / de *André Príncipe*

PINTURA
"Estilhaços" / de *Ana Filipa Oliveira*

"A tela é" / de *João Henriques*

ESCULTURA
Paulo Pinheiro

WORKSHOPS

Sábado, dia 10
10,00 h / 13,00 h - 14,00 h / 16,00 h CAPAG
"O corpo e o movimento na composição do personagem"
Formador : *Luis Carraça*

Sábado, dia 17
10,00 h / 13,00 h - 14,00 h / 16,00 h CAPAG
"Dança Tradicional e Teatro"
Formadora : *Isabelle Guerbigny*

ANIMAÇÕES

Variadas todos os dias a cargo de elementos do GATO SA e alguns amigos
Todas as noites das 21,30h às 22h ESPAM
Encerramento

mÚSICAS E dANÇAS

Um dos pontos altos das músicas vai para o imprescindível, Festival da Músicas do Mundo, três felizes dias de simpáticos sons e ambientes de todo o planeta!, na sua quinta edição, este ano, nos dias 24, 25 e 26 de Julho esperamos ansiosos pelos grupos que virão de Portugal, de Cabo Verde do Afeganistão, Nigéria, EUA, França e Jamaica.
Toda a programação detalhada em www.fmm.com.pt

Até ao fim de maio estão ainda previstos concertos de jazz, de musica clássica, contemporânea e coral, inseridos no programa "Ao Encontro da Música" – mais informações na agenda cultural do sitio da CMS – www.mun-sines.pt

O dinamismo das (C)extas de cultura prossegue pela mão da Quadricultura, que têm em agenda para 23 de Maio a actuação de aqua d´iris – música de expressão portuguesa – no Auditório da Escola Padre António de Macedo, e dia 28 de Junho Raul Reyes e Sabor Cubano, para além do patrocínio no dia 16 de Maio do espectáculo da IV Mostra de Teatro.

O Coral Harmonia de Santiago do Cacém que estará no Algarve nos dias 2, 3 e 4 de Maio, na Semana Coral em Lagoa voltará para as IV Jornadas Corais durante os meses de Junho dia 28 e Julho dias 5, 12 e 13 com a participação de 10 grupos Corais de todo o país – Sociedade Harmonia Santiago do Cacém.

O Grupo Coral da GALP Energia , no dia 26 de Julho, juntamente com o Grupo Coral Polifónico de Aveiro, actuará em Salão Social do Clube GALP – Energia, e receberá durante a semana de 23 a 30 de Julho o Coral do Estreito da Madeira e embora sem confirmação à data, está previsto um concerto para dia 27 em Sines.

Esperamos também ter de volta a Companhia Nacional de Bailado Contemporâneo, no castelo de Sines em Julho, tal como no ano passado, mas este evento não está ainda confirmado.

Em Santiago teremos as Festas do Município em Julho, e a Temporada da Música em Outubro.

oUTRAS cENAS dIVERSAS

Atribuição do nome de "Manuel da Fonseca " à Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém em Outubro. Também em Outubro será publicada a Colectânea Premiada na IV Edição do Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca.

wORKSHOPS E aCÇÕES DE fORMAÇÃO

CCEN
Workshops de fotografia , música.
CCEN
Acções de Formação de Fotografia e Bibliotecas/ Documentação e Arte Contemporânea

teatroaolargo

/como um baile numa noite de Verão

Mudámo-nos para o Alentejo, eu e a minha mulher, Pureza Pinto Leite, em 1994, com o objectivo de formar uma companhia de teatro profissional que encenasse espectáculos populares para as populações locais, nas casas do povo, nos meses de inverno, e nos largos das povoações, no verão.

Não era um sonho romântico. Nos anos setenta, passei anos de formação na Inglaterra rural a fazer teatro itinerante. Nessa altura, havia um amplo movimento pelo Teatro Comunitário. Os jovens actores, numa atitude de desprezo pelo teatro instituído, acreditavam profundamente que o teatro devia sair das elites de Londres e aproximar-se do 'povo'. De um dia para o outro, um exército de pequenos grupos independentes surgiu, actuando em zonas rurais remotas e em bairros de cidades interiores desprivilegiadas. No âmago deste movimento estava a política - um modo pessoal de ver a política - baseada no idealismo característico dos jovens, difícil de imaginar nos tempos pragmáticos que correm...

Por coincidência, emergia um novo tipo de escola de dramatização, de que é exemplo a Escola de Lecoq, em Paris, que facultava os meios para que tudo isto se pudesse concretizar. Actuar numa praça de aldeia ou num clube urbano de jovens implica técnicas diferentes das que se aprenderam nos Conservatórios Nacionais. Na Escola de Lecoq, os estudantes aprendiam a Commedia dell'Arte, o melodrama, a comédia física, a técnica do palhaço e a mímica, práticas que podem parecer hoje novas mas que evoluíram ao longo dos séculos, especi-ficamente criadas para o difícil e exigente mundo do Circo, do Vaudeville, do Teatro de Feira e do Teatro Itinerante.

Olhando retrospectivamente, parece-me uma geração nova e impaciente que queria cortar com tudo o que era velho. Mesmo agora, após a extinção do movimento, que pode ser designado de 'Fringe Theatre', 'Freiteater' ou Teatro Comunitário, é possível verificar que o espírito era profundo, e que sobreviveu em muitos de nós que dele fizemos parte. Por exemplo, Graham Pullyn, do grupo de teatro comunitário 'Teatro Regional de Montemuro', actuou com o grupo Pentabus em salas de província nos vales do Yorkshire enquanto eu actuei com o Footsbarn Travelling Theatre na Cornualha rural.

Decidi voltar ao Teatro Comunitário, após dez anos de digressão pelo mundo com um grande grupo de teatro itinerante, pelo facto de me começar a sentir cansado ("bored" no original). Não me agradavam as grandes audiências que, de antemão, já tinham decidido como reagir mesmo antes do espectáculo começar. Apercebi-me de que precisava do contacto pessoal e do imprevisto que um público de província pode oferecer. O meu estilo pessoal no teatro, que se baseia na comunicação com o público, na comédia e numa linha narrativa forte, necessita de uma audiência de província para funcionar devidamente. Coloquem-me à frente do público erudito, urbano e crítico de Lisboa e simplesmente não consigo funcionar como devia. A verdade é que, apesar de o Teatro ao Largo e o público rural do Alentejo se darem bem, eu preciso mais deles do que eles de mim.

Assim sendo, terão os últimos sete anos sido um sucesso? O Teatro ao Largo tem, sem sombra de dúvida, alcançado aquilo a que se propôs. Representamos mais de cem espectáculos por ano, quase sempre em pequenas cidades e aldeias. E em termos artísticos? Ao longo dos anos desenvolvemos e refinámos o nosso estilo. Os espectáculos são mais rápidos, a linguagem corporal mais criativa, o contar da história mais conciso. Mas ainda há um longo caminho a percorrer.

O que nos move, em termos artísticos, é adaptar cada vez mais o nosso estilo ao público que servimos. Nesse

aspecto, entramos em ruptura com a maioria do teatro contemporâneo dominante, pois é o público que molda os nossos espectáculos e não quaisquer objectivos artísticos. Não me desculpo por isso. O teatro funcionou deste modo durante milhares de anos... Até aos tempos modernos, convenhamos.

Na Europa do pós-guerra, o total domínio do mundo do teatro pelo encenador, que se vê a si próprio como um 'Artista Expressionista', não resultou da vontade popular. Foi o resultado da política de subsídios dos governos. Em Inglaterra, em 1952, deu-se um acontecimento muito significativo, quando o Instituto das Artes da Grã-Bretanha retirou o subsídio governamental a uma companhia de teatro muito popular, o D'Oilly Carte Theatre Company, e o atribuiu a um pequeno grupo de actores de East London, que realizavam experiências com técnicas teatrais. Esta mudança de estratégia alterou radicalmente a paisagem teatral. Ao longo destes anos, o Teatro Popular quase desapareceu; o Teatro Artístico, por seu lado, tem florescido. Hoje em dia, o teatro é propriedade daqueles que almoçam com os Ministros da Cultura. A partir do momento em que um governo decide que o Teatro, essa forma maravilhosa, antiga e tradicional de entretenimento, deve ser colocado na categoria de 'Arte', a sentença está lida. O Circo, a Revista e o Teatro Comercial Popular, privados de fundos, são fantasmas de si próprios. O intelectual ganhou a parada... por enquanto.

Antes de escrever este artigo, estive a passar uma vista de olhos pelos meus projectos para o Teatro ao Largo, antes de virmos para Portugal. Como imaginava eu que iria ser? O que pensava eu que iria encontrar uma vez chegados? Como iria o grupo funcionar? O nome tem uma origem interessante. Há um tipo de teatro chamado, em Inglês, Theatre in the Round, em que o actor representa rodeado por todos os lados pelo público, em vez de num palco tradicional. Esta técnica foi sempre incorporada no nosso modelo de palco, porque aumenta o contacto do actor com o público - é ele, ou ela, inteiramente só, que é responsável por criar o drama em todos os momentos - e não porque pretenda criar efeitos visuais ou um conjunto impressionante. O nosso teatro é um "Teatro de Actor", mais do que um 'Teatro de Encenador', ou um 'Teatro de Artista Plástico'. Mas, contava eu, em 1994, sentado numa praça de uma cidade da Alemanha de leste, onde o grupo a que pertencia, o Ton Und Kirschen Wanderteater, estava a actuar, pensei, "Vamos chamar ao novo grupo 'Theatre in the Square' em vez de 'Theatre in the Round'" (trocadilho com as formas círculo e quadrado e também com o duplo significado de square, que também significa praça, largo), Fica a teu cargo a responsabilidade de o pores a funcionar."

Os meus primeiros planos para o grupo revelavam uma abordagem muito modesta. Fiz o esboço de uma pequena carroça de duas rodas, um pano de boca, dois ou três actores a divertirem um magote de gente algures no Alentejo. Também fiz planos para pequenas representações em Casas do Povo. Nunca imaginei que o grupo viria a ficar tão grande como hoje está. Sinto-me desconfortável com o tamanho. Prefiro aquilo que, em Inglaterra, se chama o 'hands-on approach'. O meu ideal, no que diz respeito ao teatro, consiste em representar, num pub, para um grupo de cerca de dez pessoas, um espectáculo curto e alegre em que a única mudança no guarda-roupa consiste numa selecção de diferentes chapéus. Para mim, o teatro acontece no contacto visual entre o actor e o espectador e nas agradáveis fantasias que ambos concordaram em partilhar por uma hora.

Este é o motivo pelo qual o cinema é tão efectivo e o teatro, tantas vezes, maçador. No cinema, o actor invade o espaço do espectador, não só com as suas palavras calmamente ditas, mas também com a sua respiração, os poros da sua pele, mesmo através dos pensamentos passageiros que lhe deslizam pelos olhos. No teatro, devido à distância física do público, precisamos de técnicas múltiplas e anos de experiência para alcançar o mesmo contacto humano. É uma tarefa árdua. Vezes sem conta, o teatro desiste mesmo antes de começar e opta por divertir o público com efeitos visuais e ideias cerebrais mal explicadas, o que deixa o público confuso e liberta o encenador da difícil tarefa de explicar o que tinha em mente.

Quando o Teatro ao Largo começou, eu pensava que, por actuarmos regularmente nas mesmas aldeias, nos iriam aceitar gradualmente. Esperava poder contribuir para reintroduzir o teatro como algo normal na vida de uma comunidade, como o baile no largo numa noite de verão, e não como algo estranho, importado da cidade. Sem dúvida que temos sido bem aceites mas suspeito que isso não se deva somente aos nossos esforços. O que efectivamente tem acontecido é que as aldeias têm mudado. Nos últimos sete anos tenho testemunhado o facto de o Alentejo rural estar a perder muito do seu isolamento. Tem-se aproximado cada vez mais da vida moderna predominante. A nossa presença nas aldeias é uma parte de um movimento mais vasto. Agora há supermercados onde antigamente havia uma mercearia de aldeia. A loja de informática ocupa o local onde muito recentemente um homem fazia baldes em chapa. Todas as casas têm televisão através da qual a cultura global chega de enxurrada a um preço alarmante. Os problemas do isolamento estão a ser substituídos pelos problemas da perda da cultura local. Não sei onde nos inscrevemos em tudo isto. Não sei o que o futuro nos reserva. Pensando com esperança, talvez fazermos exactamente o mesmo que até aqui. E isso agradar-me-ia.

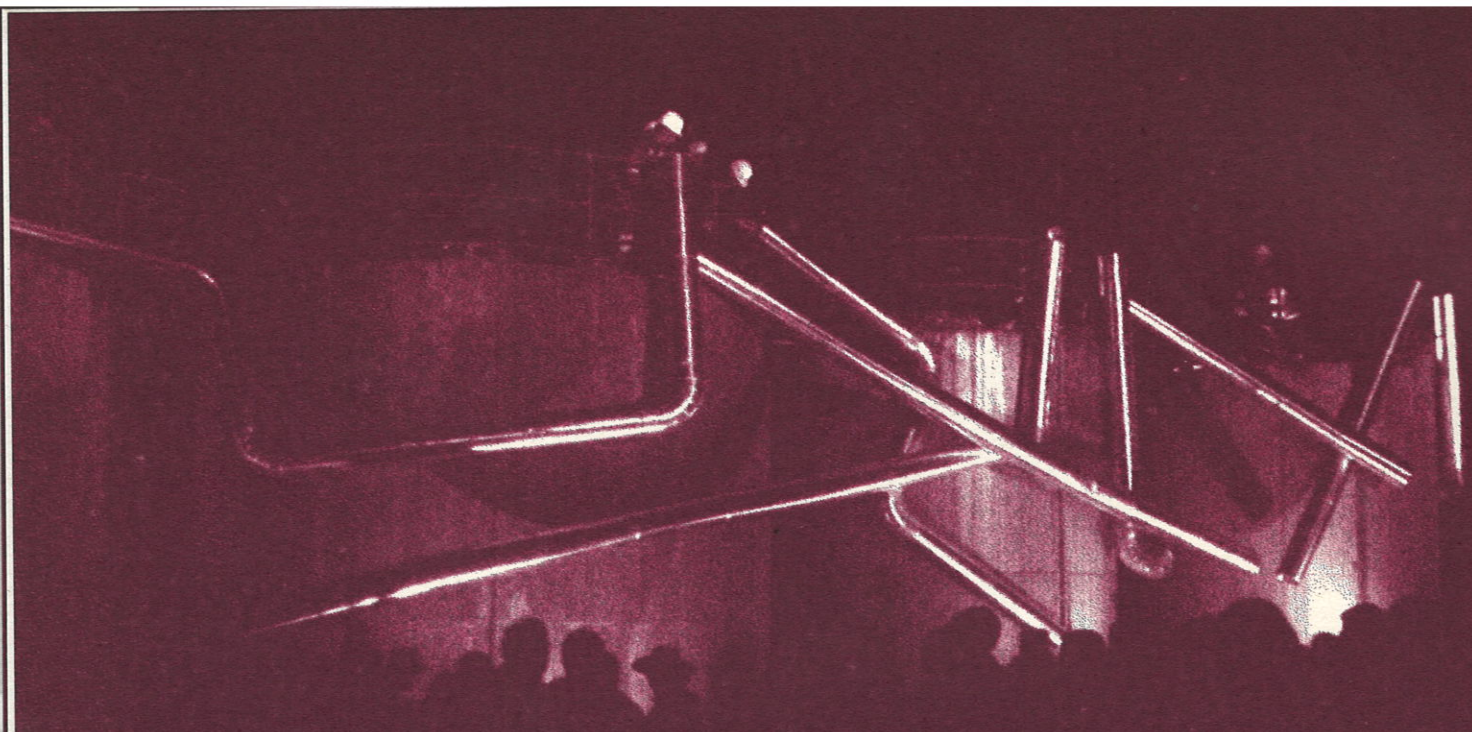
Liliana Nascimento

Liliana do Nascimento nasceu a 4 de Abril de 1980 em Santiago do Cacém. Entrou para o GATO SA aos quinze anos, onde permanece até hoje. Actualmente vive em Lisboa e frequenta o Curso de Design Industrial do IADE.

Festival internacional de teatro de Avignon 2002 - Desfile de "Sonho de Uma Noite de Verão"

André Príncipe - nasceu a 24 de Julho de 1976 na cidade do Porto. Estudou Psicologia na Universidade do Porto e fez o curso de Cinema no Conservatório em Lisboa.

"Sopinhas de Mel" revisitadas em 2003 (fotografia de ensaio)



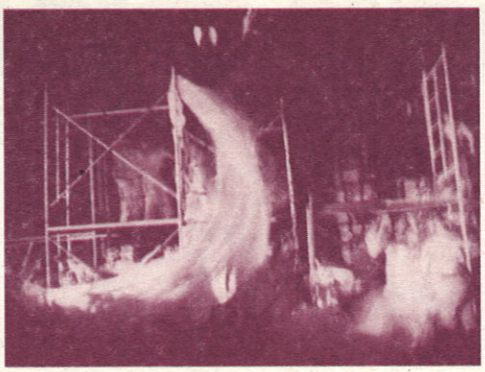
será que ainda vale a pena criar?

Depois de tanta pedra esculpida, tanta tela pintada, tanta sinfonia composta ou poesia editada; os homens estão cada vez mais sós, impotentes, adormecidos, e as guerras continuam, mais violentas que nunca...
Talvez tenha sido pouco, ao longo dos séculos, o esforço para melhorar a condição humana. Talvez seja tão complexa a transformação de uma fera num Deus, que tudo o que se faça nunca seja demais.
Parece que vivemos num tempo e numa pátria onde a criação não passa de um passatempo luxuoso, de um adorno próprio de uma restrita elite. Não se encara a criação e fruição artística como parte integrante do progresso e do desenvolvimento.

1999 /
"Os Construtores do paraíso"
/ Antiga fábrica de concentrados de tomate de Alvalade-Sado / *150 participantes* /
Org: Câmara Municipal de Santiago do Cacém

1996 /
S.Cucufate'96
/ Ruínas Romanas de S.Cucufate - Vila de Frades, Vidigueira / *300 participantes* /
Org: Grupo de Amigos da Serra do Mendro, Câmara Municipal da Vidigueira

Luis Cruz



Depois de tanta pedra esculpida, tanta tela pintada, tanta sinfonia composta ou poesia editada; os homens estão cada vez mais sós, impotentes, adormecidos, e as guerras continuam, mais violentas que nunca...
Talvez tenha sido pouco, ao longo dos séculos, o esforço para melhorar a condição humana. Talvez seja tão complexa a transformação de uma fera num Deus, que tudo o que se faça nunca seja demais.
Parece que vivemos num tempo e numa pátria onde a criação não passa de um passatempo luxuoso, de um adorno próprio de uma restrita elite. Não se encara a criação e fruição artística como parte integrante do progresso e do desenvolvimento. Chama-se fazer cultura ao pendurar pontual de dois ou três acontecimentos no calendário vazio, de forma a assinalar os dias mais importantes.
Raramente se põe a comunidade a criar. Dá muito trabalho! Põe as instituições num alvoroço, o facto da população estar envolvida num ímpeto criativo. Rebenta com as apertadas malhas burocrático-administrativas, com o statuos quo das hierarquias e, pior que tudo, cria nas pessoas a vontade de fazer mais.
Não é da competência dos organismos o estímulo da criatividade pública! Cabe-lhes apenas o dever de manter a ordem e a serena apatia em que se deixam deslizar de uns dias para os outros.
Não interessa saber se há talentos na comunidade. A vida artística conquista-se a pulso. É mais fácil estimular a população mostrando-lhe quão extraordinários são os artistas já consagrados da praça. Não se deve gastar muito tempo ou dinheiro com a cultura, a afluência de público nem sempre justifica os custos.
A sociedade civil que se mobilize, que faça, que exija! Não é da responsabilidade dos organismos fazer sonhar. É competência dos organismos homenagear, pendurar orgulhosamente na lapela os nomes dos artistas mortos que lhe saíram da praça.
Dá muito trabalho promover o talento do povo, incentivá-lo, estimular as suas capacidades criativas. Para quê? O que conta é que votem ao fim de cada mandato. Não foram feitos para sonhar. Criar sonhos é uma qualidade etérea dos artistas da capital. Ser artista não é uma capacidade que se exercite. É um dado adquirido, uma dádiva dos céus. Para quê gastar esforços para que a população possa inventar a partir do seu próprio imaginário?
Quem quiser criar que se mexa! Que vá para Lisboa ou para outro país qualquer, mas não incomode a serenidade letárgica das populações. Não incutam nas gentes a vontade de fazer qualquer coisa diferente, muito menos lhes provem que são capazes de inventar. Tornam-se feras aladas, exigentes, incontroláveis para as instituições eternamente tão carentes de meios.
E assim se arrasta um país inteiro, cada vez mais disforme e apático, zeloso da sua ordem, do seu déficit equilibrado, da sua ineficácia, do seu atraso cultural, em direcção a uma Europa e a um mundo sedento de novidade e invenção.
Como país, somos possuidores de um incomensurável património histórico, cultural e humano. Mas tão pouco se faz para que dele possamos inventar o que não existe e, pior do tudo, é sentir e saber que tudo pode funcionar de outra forma.
Foram realizadas algumas experiências nesse sentido:
Escolheram-se locais de interesse histórico ou paisagistico, iniciou-se um processo de criação colectiva, de envolvimento da população, de pesquisa do imaginário local. Cruzaram-se instituições e, com muito trabalho e um entusiasmo exponencial, deu-se corpo a uma série de acontecimentos especiais de envolvimento e criação. Resulta sempre, afinal, o trabalho directo com as populações. Mas foram acontecimentos pontuais e esporádicos, não se utilizou o "pontapé-de-saída" para criar uma estratégia continuada, não se valorizou o trabalho realizado, nem se aproveitaram as sinergias despertadas. Usou-se o povo para dar colorido à ocasião, para o abandonar em seguida nas ruas desertas das suas aldeias onde não acontece nada, até à próxima inauguração ou homenagem. Não é uma atitude séria lidar assim com um potencial tão vasto. Continuamos à espera de uma atitude que valorize e não só utilize. Onde está uma estratégia de desenvolvimento cultural para a nossa comunidade? Quem tem que criá-la, debatê-la, pô-la em prática? Continua a aumentar o fosso entre os centros urbanos e o meio rural, continua a alastrar o deserto de ideias e o vazio criativo. Tudo se faz pontualmente, sem horizontes de médio ou longo prazo.
Até quando esta apatia?

filhos de uma minerva popular

Olhar estes rostos, estas poses, esta forma de serem captados pela fotografia...

Aqui, não é o instantâneo que revela a entrada do povo no mundo da imagem, é antes, com maior ou menor informalidade, o retrato.

Já não são só os ricos e notáveis que têm direito ao registo para a posteridade. À pose aristocrática para a pintura onde apenas tinham lugar os poderosos, chegam agora os virtuosos, por direito próprio. Não obstante, por estas duas velhas fotografias passam histórias vividas que têm tido pouco lugar na História. Quando pelo meio de oitocentos se criam as primeiras filarmónicas, é tempo de um primeiro liberalismo político emergente. A democracia chega, com o direito a voto, mas apenas para os que têm rendimentos, expressivos rendimentos, homens dos negócios, dos capitais, das terras compradas a aristocratas falidos ou a um estado depauperado. Mais tarde, para os que sabem ler e escrever. E eram tão poucos!

Dizia-se, no entanto, que se 80% da população era iletrada, mais do que isso, seriam os que, melhor ou pior, sabiam ler numa pauta o emaranhado de colcheias e semicolcheias. Descontando o manifesto exagero, a segunda metade do século XIX foi a da explosão da música fora dos muros dos palácios. Há uma nova sociabilidade e novos valores que andam pelo ar – o sentido de harmonia, o sentido de luz proporcionado pelo belo... – todavia, muitas destas bandas filarmónicas que acolhiam não só burguesotes, mas também operários e artesãos, chegavam às vilas do país rural, às periferias dessa periferia que era Lisboa. Instrumentalizadas também, frequentemente arregimentadas, pelo caciquismo bipartidário, rotativo, entre regeneradores e progressistas – que marcava a vida política do tempo. Com a República, se a democratização pelo voto não foi por aí além, sulcou profundas clivagens nessas bandas.

João Madeira

Democratizou-se com a criação de novos espaços, novas bandas, novos grupos, novas associações... Em Santiago do Cacém, na Sociedade Harmonia, fundada em 1847, três anos mais tarde já se fala da compra de instrumentos musicais... para a banda, está claro ! Mas a fotografia que aqui está é de uma outra banda filarmónica, cujo embrião desponta quando para festejar a proclamação da República alguns músicos quiseram desfilar... e outros não. São esses que se acolherão na Sociedade Recreativa, mais "democrática" !

Mais comercial, burguesa, mas também mais operária, em Sines, com outros tons, mas no mesmo sentido, as coisas não foram muito diferentes. É de Sines a fotografia do grupo de Jazz-band "Os Samítias e os Mariolas", de que fazia parte, em 1937, muito jovem, Bento José, Mestre Bento, carpinteiro, toda uma vida dedicada à música, a quem o Centro Cultural Emmerico Nunes dedicou recentemente uma exposição. Entre as duas fotografias não irão vinte anos de diferença. Próximas, mas, separadas no espaço, vai um mesmo percurso. Da escola das filarmónicas jorrava um caudal para outras culturas e outros géneros musicais. A rádio permitia-o e com ela, para o melhor e para o pior, ganhava corpo a cultura de massas.

Quando o Estado Novo de Salazar quis padronizar, folclorizar e amordaçar a cultura – a alta, mas principalmente a baixa, a que chamava "popular" – encontrou no silêncio da persistência destas gerações de homens uma forma duradorura de resistência, porventura passiva, mas de resistência.

Olhando ambas as fotografias é de escolas que nos lembramos, escolas sem carteiras, nem quadros negros, nem crucifixos, nem fotografias de Salazar; mas escolas não formais de criação artística, de produção e reprodução de arte, de saber socialmente adquirido, enraizado e transmitido.

AJAGATO

ASSOCIAÇÃO JUVENIL AMIGOS DO GATO
GRUPO AMADOR DE TEATRO DE SANTO ANDRÉ